

# A agência de um projeto, o paraíso vegetariano e outros inconvenientes com a humanidade dos animais de estimação na Antropologia

Jean Segata<sup>1</sup>

## Resumo

A humanização dos animais, especialmente aqueles de estimação, étema corrente em nossos dias. Ela é motivo de reportagens, debates envolvendo economistas, psicólogos, juristas, médicos, religiosos, filósofos ou antropólogos, como também o é para a expansão de mercados, para investimentos políticos ou para inspiração artística. Mas qual o lugar que ocupa a humanização dos animais de estimação no debate antropológico contemporâneo? Sem a pretensão de esgotar as possibilidades dessa discussão as reflexões aqui apresentadas, resultam de uma etnografia que inclui desde a literatura antropológica sobre o lugar ou estatuto dos animais e suas relações com os humanos, até um trabalho de campo que consistiu em seguir médicos veterinários no seu exercício profissional, a partir de uma pet *shop* com clínica veterinária, entre 2008 e 2009.

**Palavras-chave:** Animais de Estimação, Humanização, Antropologia, Militância.

---

<sup>1</sup> Bolsista de Pós-Doutorado do CNPq no PPGAS-UFSC. E-mail: [jeansegata@gmail.com](mailto:jeansegata@gmail.com)

## Abstract

Pets humanization is a current theme today. It is cause for reports, debates involving economists, psychologists, lawyers, doctors, religious, philosophers or anthropologists, but also is for the expansion of markets for political investments or artistic inspiration. But what place occupies the pet humanization in contemporary anthropological debate? Without pretending to exhaust the possibilities of this discussion the reflections presented here are the result of an ethnography that includes from the anthropological literature on the place or status of the animals and their relationships with humans until fieldwork consisting of the following veterinarians their professional practice, from a pet shop with veterinary clinic between 2008-2009.

**Key words:** Pets, Humanization, Anthropology, Militance.

*“A América é a terra do cão sagrado”*

Marshal Sahlins

(Cultura e Razão Prática)

Era outubro de 2008. Naquele mês, aconteceu na UFSC as *Jornadas Antropológicas* - um evento promovido pelo PPGAS. Tratou-se de um ciclo de apresentações, mesas e debates, que envolveu os alunos e os professores - todos imbuídos de apresentar trabalhos em desenvolvimento, experiências de campo ou temas diversos que fizessem aparecer as produções do programa. Havia uma chamada para “trabalhos em andamento”, e eu me propus a apresentar algumas linhas gerais do que eu projetava como sendo a etnografia a partir de *pet shops* clínicas veterinárias, que eu havia começado fazendo pouco tempo. Levei algumas inspirações teóricas, alguns dados dispersos e muitas perguntas, sob o rótulo de *Jamais Fomos Humanos: as pet shops e a ANT* - resultado de um trocadilho que Haraway (2008) faz com Bruno Latour, em um trabalho em que ela trata, por alto, de relações entre homens e animais. Não havia uma prévia definição dos Grupos de Trabalho - GT, de modo que as

**A agência de um projeto, o paraíso vegetariano e outros inconvenientes com a humanidade dos animais de estimação na Antropologia**

propostas recebidas seriam todas separadas por temas, depois de findado o prazo de envio. Como exigia o protocolo, seguido do título, eu enviei por *e-mail* o resumo do trabalho, com suas respectivas palavras-chave:

**Resumo:** *Qual o estatuto, em termos de agência, que animais de estimação, tecnologias e humanos podem ter na composição daquilo que mais amplamente tratamos na antropologia por relações “sociais”? Neste trabalho, procuro apresentar alguns dos aspectos centrais de minha proposta de pesquisa de doutorado, ainda em elaboração, na qual eu proponho uma etnografia em pet shops e clínicas veterinárias, com intuito de fazer uma reflexão sobre os modos de identificação e relação entre humanos e não-humanos, em especial focando-me no uso de tecnologias para animais de estimação. Com efeito, nos limites do trabalho aqui proposto, procuro fazer dialogar um evento registrado em meu “pré-campo” nestes espaços, com a proposta de releitura mais recente da Actor-Network-Theory (ANT) especialmente como tem sido tratada por Bruno Latour nos últimos anos.*

**Palavras-Chave:** *Tecnologias; Animais de Estimação; Relações entre Humanos e Não-Humanos; Actor-Network-Theory.*

Passado algum tempo, e aproveitando que uma amiga havia me dado detalhes dos problemas renais de sua cachorra, empreguei isso e alguma experiência inicial de entrada em campo, como o elemento empírico da minha apresentação. Na verdade, ainda como rascunho de um projeto que só viria a ser qualificado cinco meses depois, minha ideia era afinar direções, ouvindo dos participantes as suas sugestões para o tema. Por alto, eu mostrava que queria seguir à risca a proposta “teórico-metodológica” da ANT em uma *pet shop*, propondo-me a rastrear e descrever associações entre humanos e não-humanos, dando ênfase naquilo que desde o início havia me prendido a atenção pelas conversas com minha amiga - o uso de tecnologias biomédicas em favor da saúde e da estética daqueles animais.

O trabalho foi aceito. Contudo, ele seria apresentado em um GT intitulado *Subjetividades, Movimentos Contemporâneos, Políticas Públicas e Sociais, Justiça e Direitos Humanos*. O número de grupos não era grande, dadas as proporções do evento. No entanto, a mensagem que seguiu como explicação para esse direcionamento tornava aquilo um pouco mais

interessante: “tem vários trabalhos que abordam a violência e os Direitos Humanos, isso pode te ajudar com a tua pesquisa e tu podes contribuir, mostrando o que se faz com os animais”.

Aquilo colocava em evidência alguns pressupostos, especialmente aquele de que o meu ‘objeto’ seria a violência praticada contra animais de estimação. Da mesma forma, deixava implícita a ideia de que eu era motivado à pesquisa por ordem de alguma espécie de inclinação humanística ou ecológica, que me fizesse ver nos procedimentos médico-veterinários algum tipo de mau trato ou violação aos seus direitos. Dessa feita, parecia certo que aquilo era uma atividade eminentemente política, na qual eu deveria me engajar, como muitas das vozes daquele GT, às vozes daqueles “oprimidos”, por quem, supostamente, deveríamos lutar em favor, na qualidade de cientistas sociais.

Como se sabe, aproximações e diferenciações entre *pesquisa aplicada* e *pesquisa fundamental* já somam longa data e se forjam mais intensivamente nas Ciências Naturais ou na sua relação com as Humanidades ou a Filosofia. Como sugere Latour (2001b: 11), essa relação por si só levanta questões problemáticas, especialmente naquilo que se refere como demanda: “comment se crée, se constitue cette fameuse demande qui serait la fin - le but - de la recherche finalisée?”. É preciso prever algum resultado, uma espécie de *promessa promissória*, que no caso das humanidades, deve trazer alguma esperança de mundo melhor (Strathern, 2009). Mas se nós, os antropólogos, como problematiza Ingold (1994), temos a humanidade como o nosso tema mais peculiar, quais as promessas eu deveria fazer aos animais de estimação? A resposta não era clara. O que me chegavam eram os risos dos participantes do GT quando eu narrava alguns dos procedimentos veterinários que faziam lembrar, diretamente, aqueles comuns entre humanos ou sua indignação, quando neles se envolvia a intervenção física nos animais, tomada, fortemente, como uma forma de violência.

De alguma maneira, desde aquela época, eu penso que isso deveria dizer alguma coisa sobre a forma como pensamos e praticamos a antropologia, pois não me parecia conveniente se rir de discussões onde os animais poderiam se ver como gente, numa disputa com os humanos pelo ponto de vista (por exemplo, Viveiros de Castro 2002), pois aquilo diz muito sobre ‘aqueles’ humanos. Mas agora, eu tratava do ‘nós’- e

**A agência de um projeto, o paraíso vegetariano e outros inconvenientes com a humanidade dos animais de estimação na Antropologia**

quando nós pegamos cães ou gatos no colo e dizemos deles bebezinhos ou lindinhos, isso pouco representa a nossa forma de humanidade, já que no fundo sabemos a verdade sobre aqueles animais - que eles não passam de animais. A nossa modernidade, como bem afirmou Latour (2002) ainda se sustenta por acreditar que os outros acreditam.

Ainda que um pouco confuso com o *feedback* do grupo, mas de toda forma disposto a seguir no projeto, fui a uma clínica a poucas quadras da minha casa, com esperanças de que me permitiriam incluí-la em meu trabalho de campo. Mas quando cheguei, fui questionado sobre o que eu queria fazer naquele lugar sem levar um animal comigo, e sem querer pagar por uma consulta. Saí lá apenas com um cartão na mão, depois de ser dispensado com a desculpa de que o veterinário não dispunha mais de agenda no dia. Por erro ou precaução, eu liguei no dia seguinte para outro estabelecimento, expliquei meus interesses de pesquisador e tentei agendar um horário com o veterinário. Novamente a dificuldade: a pessoa que me atendeu disse que consultaria a direção, pediu meu telefone de contato, e me fez a promessa de que retornaria em seguida. Passou-se dias e semanas, e como não houve retorno, eu tentei novamente, dei uma nova explicação rasa do que queria fazer, dizendo-me interessado nas relações entre humanos, animais e tecnologias, mas o desfecho seria um trivial “entraremos em contato contigo mais tarde, o diretor ficou de ver”. A mesma resposta ensaiada eu ouvi outras duas vezes, em novas tentativas. Por fim e sem aviso, eu fui até o estabelecimento. Lá, quem me recebeu foi a pessoa que atendia minhas ligações - coloquei um cordial sorriso no rosto, estendi a mão e me apresentei como aquele que vinha telefonando, por conta de uma pesquisa. Eu não poderia esperar melhor resposta do que um espelho do mesmo sorriso me recebendo com o “vamos mesmo te ligar, já falei com o diretor”.

A recepcionista era uma estudante de enfermagem que havia sido minha aluna e foi dizendo que não imaginava que eu me interessava por isso. Um isso que soou vazio, e que antecipou o não do veterinário - afinal, o que haveria de ter para um antropólogo numa clínica veterinária?

A propósito, não tínhamos, eu e o veterinário, qualquer proximidade, mas ele também era professor na mesma instituição que eu. De início pensei que isso facilitaria minha entrada na clínica, mas ele logo daria todas as pistas de que não me queria por lá: “recebo estudantes de veterinária, alguns de bioquímica ou análises clínicas. Mas antropólogos não. O que fazemos aqui é bastante técnico e exige formação específica”. Eu voltei a explicar o que me levava até lá, mas ele foi inflexível, e eu não insisti, pois o meu desgosto já era maior que a minha paciência: eu havia chegado por volta das 13h30 e só fui recebido depois das 17h, quando a última consulta terminou.

Ao longo da tarde eu havia me sentado em um sofá desconfortável na recepção, perto de um ar-condicionado barulhento e pouco eficiente para uma tarde de janeiro; juntando-se à sinfonia, uma daquelas campainhas acionadas por movimento que anunciam a chegada de clientes, não parava de tocar. Não que entrassem tantos clientes assim na *pet shop*, mas uma cachorrinha adotada pela esposa do proprietário corria de um lado para outro: subia nos meus pés, lambia meus dedos à mostra na sandália; ia para fora, voltava, repetia os lambidos, ia para fora: “dim doom, diiim dom, dim dom, diiim doom”, a campainha soando o tempo todo. Pessoas entravam com gatos ou cães no colo e falavam sobre novidades da cidade, mas a bem da verdade, por algum tempo, o que mais me prendeu a atenção naquelas horas intermináveis, foi a conversa entre a esposa do veterinário dono da clínica e um representante comercial de produtos *pet*. Enquanto ele anotava os pedidos em um *palm top*, ambos reclamavam do aumento do preço de alguns manufaturados importados, em função das instabilidades econômicas resultantes da crise imobiliária norte americana - o repasse dos novos valores ao consumidor final seria certo. Enquanto falavam, eu imaginava o que mudaria naquela tabela de preços, exposta às costas da recepcionista, em ordem alfabética: banho, limpeza de tártaro, massagem simples, massagem chinesa, massagem indiana, *SPA*, tosa parcial, tosa completa; cirurgias, exames toxicológicos, patológicos, laboratoriais, ultra-sonografia, raio-x, internação simples ou em UTI, partos naturais ou cesáreas; hospedagem (hotel) e serviços funerários. Os preços, para mim, que não estava familiarizado com *pet shops*, eram muito altos, e num exame de consciência, eu punha em dúvidas qualquer altruísmo meu para

**A agência de um projeto, o paraíso vegetariano e outros inconvenientes com a humanidade dos animais de estimação na Antropologia**

‘salvar’ algum desses animais. Isso gerava em mim uma certa angústia, especialmente quando eu pensava nas repetidas preocupações que eu ouvia e discutia à respeito dos bem estar dos animais ou daquelas expectativas de uma antropologia militante - e então eu me perguntava se valeria à pena mesmo passar os próximos meses sentindo aquele cheiro de rações e pulgas e ouvindo aquelas histórias das travessuras daqueles quase-gente, meio-bichos. Talvez eu não fosse o melhor portador das boas esperanças. Para fechar aquela longa pausa de pensamento, um coral de latidos que vinha do fundo da loja se misturava àquela orquestra toda, completada ainda pelo som ruim de uma estação AM mal sintonizada. Era o “dim dom, dim dom”, as conversas, os lambidos e Zezédi Camargo e Luciano cantando com interferências.

Então, lancei minha última tentativa com o veterinário: “eu entendo a necessidade de formação específica, mas meu intuito é de acompanhar os procedimentos - eu quero pesquisar relações entre humanos e animais”. Ele me olhou de alto novamente, e me disse que o Conselho Regional de Medicina Veterinária - CRMAV, não concordaria com isso, afinal eu estaria acompanhando procedimentos médicos.

Até aquela altura ele não me olhara de frente. Separados por uma mesa babelicamente mal organizada, ele se balançava em uma cadeira de couro olhando em direção a uma parede lateral. Eu não tiraria meus olhos dele ou da sua gravata azul com vermelho em listras intercaladas em diagonal, que aparecia na folga da gola do seu guarda-pó branco, e desconfiaria de que as preocupações de meus colegas no GT à respeito da violência contra os animais tinha algum fundo de razão - afinal, porque tanta dificuldade em me deixar acompanhar os procedimentos da clínica?

Sem eu perguntar, ele me responderia que coisas da medicina, seja ela veterinária ou não, requerem cuidados éticos sérios - e que por isso não daria para abrir as portas assim - era proibido. Eu responderia que estava ciente disso e que no mais de tudo, tratava-se de uma pesquisa acadêmica - que inclui nos seus procedimentos, o rigor ético, e acrescentei que desconhecia proibições dessa ordem, que impedissem a autonomia da ciência. Tive impressão, pelos seus gestos e semblante, que aquilo o havia incomodado, até que depois de uma pausa em silêncio, ele concordou que eu ficasse apenas na recepção, contanto que eu seguisse

uma lista de exigências que incluía uma cópia do projeto assinado pelo meu orientador, um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE, e a assinatura de um termo que me impedia de falar diretamente com os clientes, salvo pelo intermédio de sua esposa, que o auxiliava nos procedimentos clínicos e na administração. Seguindo isso à risca, ele ainda me permitiria, conforme sua promessa, analisar alguns prontuários que ele mesmo selecionaria. Em seguida, ele terminaria sua fala virando-se em minha direção e levantando-se com a mão estendida, deixando claro que meu tempo com ele já havia se encerrado. Agradei e não voltei mais.

Já passado mais de um ano do GT e daquela experiência de entrada em campo, eu e a recepcionista daquela clínica nos encontramos na lanchonete da universidade. Ela havia notado minha desistência e justificou a atitude do veterinário: ele desconfiava que eu fosse um ecologista, especialmente disposto a denunciar alguma prática que estivesse causando desconforto ou sofrimento aos animais. Quando ela me confessou isso, achei graça. No entanto, era interessante notar que mesmo um projeto de pesquisa já havia sofrido transformações que o colocavam desde o pólo do altruísmo e engajamento, próprios de um ativista dos ‘pobres animais indefesos’, até como peça de um jogo reacionário e político de um membro de alguma ONG pró-direitos dos animais, do qual era preciso se defender. Na moda da Teoria Ator-Rede, parece que o próprio projeto de pesquisa sofria efeitos e *faria fazer* outros em associações heterogêneas, tendo seus objetivos deslocados conforme as leituras e aplicabilidades a ele presumidas - afinal, como já bem se disse (Morales, 2004; Serrano & Argemí, 2005; Callon, 2006), a ciência é uma *rede de atores* que não inclui apenas cientistas.

\*\*\*

“Ainda dava pra aproveitar muita coisa”. Foi com essa curta sentença que Marcos, veterinário e dono da ‘loja’- que era como ele chamava a *pet shop* e clínica veterinária onde por mais tempo fiz meu trabalho de campo depois dos primeiros episódios de recusa na cidade de Rio do Sul, no interior de Santa Catarina - explicou-me o porquê de não ter sacrificado a Belinha. Tratava-se de uma cadela que deveria



**A agência de um projeto, o paraíso vegetariano e outros inconvenientes com a humanidade dos animais de estimação na Antropologia**

reunir em si pelo menos umas dez raças misturadas e uns quinze anos de vida. Mas havia sido nos últimos dois deles que a osteoporose passou a se mostrar implacável. Mesmo com os suplementos de fósforo, cálcio ou vitamina D, ela vinha somando pequenas fissuras nos ossos das patas ou mesmo a fratura completa de algum deles. E não era só isso, a idade já trazia a ela outras complicações, como uma ligeira cegueira e a surdez parcial.

Em geral, tempo de vida de um cão varia dos dez aos quinze anos, mas há exceções e especificidades conforme as raças - incluindo-se o porte e o “estilo de vida”. Em alguns sites é possível encontrar facilmente tabelas com média de idade das raças ou fórmulas que permitem fazer a equivalência da idade de um cão a de um ser humano. No caso de Belinha, se comparado a um homem, ela já estaria com mais de oitenta anos<sup>2</sup>. No entanto, “ela ainda tinha um sangue muito bom” - e era esse o principal motivo dela ser tratada no fundo da loja junto com outros dois cães “vira-latas” recolhidos da rua.

*Você sabe como é, muita gente não tem tempo para ficar se incomodando com um cachorro quando ele começa a ficar velho. Como eu sempre te falo, é bom enquanto tá com saúde, depois é tchau pra eles.* Explicava Paula, filha de Marcos, também veterinária.

Segundo ela, a Belinha tinha sido avaliada com uma nova fissura (fratura não total) de duas costelas. A dona da cachorra disse que havia um degrau entre o corredor e a sala de estar do seu apartamento, e como ela já não caminhava mais com tanta desenvoltura, acabou caindo de lado, e se ferindo. A dificuldade para caminhar vinha, somada a cegueira, da calcificação de algumas vértebras e do desgaste excessivo de outras - o que lhe provocava desvios na coluna e dores. Aquilo, dizia Paula, era considerado pela dona como uma “judiaria”. A cachorra sofria demais e vivia à base de medicação - então, avaliando o quadro geral, ela solicitou a Marcos que Belinha fosse sacrificada. Mas o desfecho foi outro.

Marcos tratou a cadela e como ela era de bom porte e, apesar de uma cirurgia para tratamento de uma fratura, não ter necessitado receber

---

<sup>2</sup> Cf. <[www.nte-jgs.rct-sc.br/rodolpho/caes/TEMPO%20DE%20VIDA%20DO%20CACHORRO.htm](http://www.nte-jgs.rct-sc.br/rodolpho/caes/TEMPO%20DE%20VIDA%20DO%20CACHORRO.htm)>. Acesso em agosto de 2011. No caso de Belinha, 15 anos + Fator de Multiplicação (x 5,8) = 87 anos (humano).

sangue, o veterinário achou melhor coloca-la para estoque do líquido. Segundo eles, essa era uma prática comum, e até mesmo recomendada - a de se manter de dois a cinco animais nas clínicas ou hospitais, para que sirvam sempre como doadores de sangue<sup>3</sup>. Marcos também me explicava que existem algumas alternativas artificiais para a substituição de sangue, mas que elas ainda eram muito caras e, dada a sua demanda, aqueles três cachorros podiam muito bem “dar conta do recado”. Mas nem todos com quem eu falei sobre isso se mostravam simpáticos à ideia.

Em 2009, eu participei da II REACT - Reunião de Antropologia da Ciência e Tecnologia, que aconteceu em Belo Horizonte<sup>4</sup>. Eu havia começado o trabalho de campo não fazia muito tempo, mas experimentei levar para a discussão alguns dados da minha pesquisa, muito mais no tom de “primeiras impressões” do que de uma análise mais aprofundada. E Belinha e seus dois companheiros vira-latas foram o mote de minha apresentação. Como já havia sido antes, nas Jornadas da UFSC, de 2008, as reações variavam do riso ao espanto, e quase sempre convergiam em reprovação. Isso é que poderia se chamar de “uma heresia”, “uma coisa desumana”, disse um colega que pouco minutos antes falava sobre o massacre nas américas nos anos de 1500, liderados por Francisco Pizarro ou Hernán Cortéz, cuja proporção, objetivo e distância histórica não impediram a equivalência. Em um tom parecido com aquele de Florianópolis, eu ouvia uma espécie de conselhos para a luta contra esse “absurdo” praticado contra um animal, e mesmo, além disso, vultos de que a antropologia deveria se manifestar de alguma forma.

Eu tentei responder por outra via - até mesmo fazendo frente aos posicionamentos de Paula e Marcos - afinal, qual é o problema em eles serem doadores de sangue? Isso não era menos “violento” do que o sacrificar a velha cadela ou deixar pela rua, sem alimento, os dois vira-latas? Não salvariam eles outros cães em emergência? Do ponto de vista de alguns não. O sacrifício era o compromisso com o fim do sofrimento

---

<sup>3</sup> Cf. <<http://www.saudeanimal.com.br/artig160.htm>>. Acesso em agosto de 2011.

<sup>4</sup> A II REACT foi promovida pelo Laboratório de Antropologia das Controvérsias Sociotécnicas – LACS, do PPGAS/UFMG e aconteceu nas suas instalações da FAFICH/UFMG entre os dias 19 e 22 de maio de 2009.

**A agência de um projeto, o paraíso vegetariano e outros inconvenientes com a humanidade dos animais de estimação na Antropologia**

e o acolhimento e a comida não justificavam o utilitarismo da ação.

Uma das questões que tocava mais alto era a de que se tratava de se fazer uso de cães que não tinham raça definida. Mas isso vinha de formas diferentes: eu questionava Marcos - até mesmo em tom de brincadeira - se ele não teria problemas com alguns donos de cães de raça, que porventura descobrissem que, no caso da necessidade de uma transfusão sanguínea para os seus animais, o sangue utilizado viria de outros, sem pedigree. Para Marcos, aquilo não fazia diferença - no entanto, ele pediu que eu não questionasse os clientes sobre isso - afinal, como ele mesmo dizia, “eu nunca havia pensado que isso pudesse ser um problema”. E talvez fosse. Calmon de Oliveira (2006: 91) em sua etnografia sobre “homens e cães” mostrou como a pureza da raça - em seus aspectos genotípicos como fenotípicos - e o pedigree do animal são elementos centrais para o grupo que ela pesquisou - o de criadores de cães, campeões ou não, que são levados às exposições de beleza<sup>5</sup>. Para ela, “como cães de raça campeões são vistos pelos criadores como obras de arte raras”, saber sobre eles e suas raças é um conhecimento distintivo do grupo pesquisado, com aquilo que compõem o que Bourdieu (2005) chamava de capital simbólico. O sangue, nesse ínterim, tem um papel fundamental - especialmente na composição do imaginário ocidental sobre o parentesco ou a pureza racial - é o “puro sangue”, que faz a diferença. Marcos concordava que isso poderia ser mal interpretado por algum dono - “vão achar que se eu botar sangue de um vira-lata num Dálmata, ele perderá a raça”, falou rindo. Mas logo foi me explicando que tecnicamente não haveria problemas, pois a compatibilidade sanguínea dos cães ou gatos não é medida da mesma forma que aquela humana. Segundo ele, apenas em algumas exceções há rejeição<sup>6</sup>.

---

<sup>5</sup> *Pedigree* é certificado que é atribuído a um animal doméstico, caso ele atenda às características padronizadas de uma determinada raça. No Brasil o órgão geral para avaliação e certificação é a Confederação Brasileira de Cinofilia - CBC, filiada à Fédération Cynologique Internationale - FCI e a American Kennel Club - AKC.

<sup>6</sup> Conforme Apicella (2009: 20-21) há oito tipos sanguíneos entre cães - A1, A2, B, C, D, F, Tr, He - sendo que C e F aparecem em cerca de 98% da população canina, mas no Brasil, segundo ela, a tipagem sanguínea não é comum nas clínicas, sendo feito somente um “teste de compatibilidade”. Nele é possível notar, ao serem misturadas amostras do doador e do receptor se há incompatibilidade, visível com a

Por outro lado, houve opiniões de colegas antropólogos que sugeriam que o uso de vira-latas para serem doadores de sangue que pudessem salvar os animais de raça trazidos à loja, era mais uma afirmação dos privilégios de uma minoria distinta. A analogia se dava nos termos de classe social - os vira-latas equivaleriam aos assalariados, de pouca renda, que numa linguagem estereotipada se alienam ao venderem sua força produtiva, transformando-se em meras ferramentas para a hominização de uns poucos, os patrões. “Ninguém questiona isso”, provocavam, “porque já temos inculcado em nós essa visão dos que tem valor e dos que não tem - e de quem trabalha para quem”.

Conforme o pedido de Marcos, eu não fiz provocações à respeito do uso de sangue, aos clientes que chegavam à loja. Minhas discussões sobre isso aconteciam fora de lá, como também foram a maior parte das conversas sobre a morte dos animais. Particularmente, esse é um tema com o qual eu não me sinto à vontade para tratar - especialmente com pessoas em períodos de luto, e no caso da clínica, “isso não soava bem”, como me restringia Marcos: eu estava em um ambiente destinado a cuidados médicos e a morte era algo presente, mas ali, além do luto, o que tornava essa questão difícil passava também por discussões que iam desde as novas formas familiares, as implicações sanitárias.

A ideia de que esses pequenos animais são parte da família, é bastante corriqueira e até ganhou um novo nome nos últimos anos: *childfree*, um movimento caracterizado pela transferência do papel do filho para um animal de estimação<sup>7</sup>. Calmon de Oliveria (2006: 40), também sugere essa transferência:

---

formação de aglutinação. De toda forma, não é necessária a igualdade de tipo sanguíneo para isso.

<sup>7</sup> Cf. Gláucia Viola, no editorial “Humanização Animal”, da revista *Psique*, ano VI, n. 66, junho de 2011. Na mesma revista, a matéria de capa, intitulada “Fuga das Relações: pesquisa revela: 18% dos brasileiros preferem a companhia de seu *pet* no Dia dos Namorados”, é inspirada em trabalhos de Zygmunt Bauman, sobre a liquidez das relações. Ela trata as relações fluidas e descartáveis como um fenômeno contemporâneo, que requer investimento de tempo e energia. Os animais de estimação, nesse caso, assumiriam o lugar de afeto, que mais facilmente pode ser descartado.

**A agência de um projeto, o paraíso vegetariano e outros inconvenientes com a humanidade dos animais de estimação na Antropologia**

*...devido a instabilidade dos casamentos, o número de nascimentos de crianças nas classes médias diminuiu, aparecendo o cão como mediador entre o casal, muitas vezes no lugar da criança. A dificuldade de relacionamento entre as pessoas faz com que o animal seja um elemento com grande potencial de proporcionar afetividade sem produzir prejuízos ou riscos.*

Em parte, isso explicava o porquê de algumas pessoas não reagirem bem à morte de seus animais e dada a sua experiência, em geral, era Marcos quem conversava com elas. Por darem aos seus cães e gatos tratamento próprio de um membro da família, era comum observá-las se descrevendo em luto - “é como perder um filho”, dizia uma jovem senhora, que perdera sua cadela *boxer*. Igualmente, a perda desses animais era acompanhada de ritualizações, que incluíam o choro, a lembrança dos bons momentos de convivência e a despedida - muito disso ali mesmo, na sala de espera ou na sala de Marcos.

Como acompanhei na loja, apenas em um caso excepcional, de um criador que tinha um sítio, o animal morto foi levado para ser enterrado. No decorrer das vezes, as despedidas eram feitas na clínica, pois os animais eram recolhidos por um serviço especializado que atende às exigências da vigilância sanitária. Eu começava a perceber que havia questões polêmicas sobre o destino desses animais.

*Imagine você ter uma pessoa especial jogada numa vala comum. Ninguém quer isso. Isso [o animal de estimação] não é uma coisa que se joga no lixo, como um brinquedo estragado ou um sofá velho. Muita gente quer ter a lembrança, quer visitar, explicava-me Paula.*

A questão que entrava em cena é a crescente preocupação com a saúde pública. Trabalhos recentes (Claeys-Mekdade & Nicolas 2009; Hodak 1999; Kéck 2009 e 2010; Manceron 2009) abordam discussões em torno das zoonoses e das situações conflituosas frente à necessidade emergente do cuidado com os animais e de como, na verdade, tratam-se de preocupações com os humanos. Casos recentes, como a gripe aviária e a gripe suína ou a epidemia da vaca louca, despertaram polêmicas que envolveram a opinião pública, políticos ou cientistas, em discussões que cruzaram fronteiras de Estado (e também de natureza e cultura): “les relations aux animaux constituent l’un des substrats de cette trame

sociale contemporaine, l'enjeu des rapports de pouvoir étant la capacité des uns ou des autres à justifier et à négocier leur propre régime d'action sur le monde (Manceron & Roué 2009: 09)<sup>8</sup>.

Mesmo considerando essa necessidade de cuidados, Rio do Sul, não tem cemitério de animais. Isso porque, entre outras coisas, algumas das pessoas com quem eu conversei sobre o tema, entendiam isso como ofensivo - um desrespeito com os mortos humanos. Ao mesmo tempo, missas e outros rituais em favor desses animais tem se tornado mais comum nos últimos anos<sup>9</sup>. Por outro lado, o fato de não ter um cemitério, soava igualmente como ofensa para aqueles que consideram a incineração, o descarte em rios ou nos aterros sanitários, um desrespeito com os animais - afinal de contas, como resumiu uma senhora dona de uma *poodle*, “eles tem uma identidade”. O cemitério não é apenas um local para depósito de animais mortos, “mas um espaço para lembrança desses entes queridos”, dizia Paula.

A própria ideia de descarte era difícil de ser articulada. O destino dos mortos toma as mais diversas formas e sentidos e são muitos e variados os trabalhos antropológicos dedicados a esse tema, desde a etnologia, como no imaginário urbano. Como bem resume Calávia Sáez (1996: 162):

*a relação entre vivos e mortos atravessa inúmeras vias. O sonho, o transe, a psicografia, a aparição, a oração, a adivinhação, a analogia. Na medida em que se elabora um culto, alguns desses canais de comunicação são escolhidos e privilegiados sobre outros, outros ainda são desprezados ou interditados.*

---

<sup>8</sup> Em Lévi-Strauss (2009) também é possível encontrar uma crítica sobre as relações contemporâneas entre humanos e animais, especialmente focando os nossos regimes alimentares baseados em carne, a partir do exemplo da epidemia da vaca louca.

<sup>9</sup> Sobre isso, ver Calmon de Oliveira (2008), que descreve festas e missas com bênção para animais de estimação, como iniciativas de congregações católicas, no Rio de Janeiro. Recentemente, por ocasião de um debate na EHESS, Anne-Marie Brisebarre, pesquisadora do LAS, levantou a questão das missas para cães em Paris, das quais ela e sua cachorra também participam. Em geral, essas iniciativas tomam a figura de São Francisco de Assis, santo católico, como referência.

**A agência de um projeto, o paraíso vegetariano e outros inconvenientes com a humanidade dos animais de estimação na Antropologia**

O autor se refere à participação dos mortos na composição de relações – e sua análise se dá a respeito de mortos humanos. Contudo, não era difícil perceber esse estatuto de humanidade sendo estendido aos animais, pois a relação com aqueles que morriam pareciam assumir formas semelhantes.

De uma maneira generalista, os cemitérios não são exclusivamente um local para o “descanso” ou o “encontro”- eles tem seus fins práticos, especialmente no que diz respeito a ordem sanitária. Mas a ideia de descarte não é aquela com a qual simpatizamos mais facilmente - e isso vale para eufemismos que tomam a forma de noções técnicas, como a cremação ou a eutanásia. Quando eu perguntei a Paula se os animais de estimação eram *incinerados*, ela me disse que não - que eram *cremados*, e me advertiu:

*—A gente sabe que no fim é a mesma coisa, queima-se eles e se dá um fim. Mas imagina você falar para uma pessoa que acabou de perder seu animalzinho, que vamos coloca-lo num incinerador de alguma indústria. É por isso que eu te disse outro dia que nós não sacrificamos os animais, mas praticamos a eutanásia, entende?*

Paula se referia a minha pergunta sobre o caso de um gato que havia caído da sacada de um apartamento. Quando eu cheguei à loja ele já estava sendo examinado, inconsciente e com suspeita de hemorragia interna em várias estruturas. Na ocasião, eu questionei se havia alguma chance dele ficar bem, e na resposta negativa, questionei se ele seria então sacrificado - e senti que a pergunta não havia sido completamente apropriada.

A ideia de sacrifício não era invocada no modo como classicamente o fizeram Mauss & Hubert (2005), na qualidade e função de intermédio entre o sacrificante e a divindade. Antes sim, era o de antecipar o desfecho certo: a morte, nos casos clínicos irreversíveis. Mas em si ela parecia carregar uma carga negativa que era aparentemente amenizada pela definição técnica de eutanásia: de ser um procedimento avalizado pela medicina veterinária, como uma conduta padrão a ser

respeitada<sup>10</sup>. Sacrifício vinha com o tom de “apenas matar” (para não sofrer mais), enquanto a eutanásia vinha com o tom de “não haver alternativas senão matar” (com o benefício de se ter a culpa pelo ato, expurgada pelo diagnóstico médico). Por fim, e novamente, um elemento que tornava a situação um pouco mais difícil era o modo como ela assumia a forma de demanda financeira: “quanto custa o tratamento?”, perguntavam alguns clientes - caso ele demandasse tempo de internação, medicação ou procedimentos caros, algumas pessoas pediam que fosse feita a “eutanásia”, e optavam, como na queixa de Paula, por comprar um novo filhote, “como se fosse um brinquedo”.

Em outra medida, o que chama atenção aqui é que não se está colocando em discussão o abate de uma forma generalizada. Vialles (1987) aborda essa questão, na sua etnografia sobre abatedouros de Andorra. Ali, não se está lidando com animais - mas sim com comida. Isso começa a aparecer na tensão entre as palavras francesas “chair”(carne bruta) e “viande”(carne escolhida/trabalhada). Em português, ambas tem como tradução “carne”, mas no francês há uma diferença onde equivaleria dizer, num sentido grosseiro, que a “chair” contém “viande”, mas a “viande” não contém “chair”. Não se trata de um simples jogo de palavras, mas do estatuto da carne - ou seja, qual carne se pode comer (virar alimento) e qual carne não se pode.

*Questionées, toutes sortes d'interlocuteurs donnent des réponses que, dans sa formulation technique, la définition d'un vétérinaire résume assez bien: la viande est "un produit consommable d'origine animale". Les oeufs, le lait? Les poissons, les mollusques, les crustacés? "Naturellement", ils sont exclus, mais implicitement, car cela "va de soi". Il va sans dire que la chair de tout animal n'est pas consommable, que la chair de certains animaux n'est pas viande, et que la viande ne s'obtient que par la mise à mort des animaux (Vialles 1987: 02-03).*

---

<sup>10</sup> Em uma cartilha disponível na internet, veterinários da Escola de Medicina Veterinária da UFMG, trazem uma lista de procedimentos a serem seguidos para esse fim. Dentre aqueles mais tradicionais, como a rapidez do procedimento ou a garantia de ele ser indolor, o documento - que resume discussões do Comitê de Ética em Pesquisa, sugere que ele seja “esteticamente aceitável” na promessa de que ele não motive algum abalo emocional no seu executor. Cf. <<http://www.ufmg.br/coep/eutanasia.pdf>>. Acesso em abril de 2009. Sobre as tensões entre cuidar e matar na prática médico-veterinária, ver Law (2010).



**A agência de um projeto, o paraíso vegetariano e outros inconvenientes com a humanidade dos animais de estimação na Antropologia**

O que a autora sugere, de um modo amplo em seu trabalho, é que o regime alimentar de um animal é mais importante do que sua espécie, na definição de categorias de quais podem ir para a cozinha dos homens e de quais não podem. Ela se volta, em grande medida, para as disciplinas cristãs que tratam das interdições da carne - como aquelas sobre não consumir o sangue dos animais, suas vísceras ou a carne de cavalos. “Enfin, et peut-être surtout, on n’obtient le la viande qu’en tuant les animaux. Les animaux morts, de mort naturelle, de maladie, ou d’accident, sont réputés impropres à la consommation. Il faut donc bien tuer”(id.).

Aqui aparece a segunda chave do seu trabalho - *Le Sang et la Chair*: a morte consciente de um animal faz verter sangue. O sangue aparece como a figura central de muitas formas públicas de sacrifício no coração das cidades, e para não permitir esse tom à produção da carne a ser consumida, entra em cena a figura do abatedouro, hoje, invisível, exilado, como que clandestino. Sua função é tornar invisível todo o processo. Nesse caminho, como ainda comenta Françoise Héritier, que prefacia o trabalho, a questão que move Vialles - como tornar o animal em alimento e não em um cadáver repugnante - faz aparecer uma série de técnicas sanitárias e simbólicas, como as metáforas do vegetarianismo e o uso de termos como “escolher”(cueillir - no sentido de colher vegetais), “descascar”(deshabillage - no sentido eufêmico de tirar a roupa, quando ao abrir a carcaça), “florear”(fleurer - que remete às habilidades das incisões regulares e contrastadas na carne, evocando motivos estético do seu preparo - “la sable sculpté au rateau d’un jardin zen”). Para ela (Héritier-Augé 1987: vii-viii), tudo isso se remete a origens bíblicas, já que na origem o Paraíso era vegetariano:

*Ainsi, la viande par excellence peut-elle être vue comme la transmutation ultime du végétal, de l’herbe, une fois que l’animal a perdu de la main de l’homme ce qui le distingue de la plante nourricière, le sang chaud et la mobilité, effusion nécessaire si l’on admet les corrélations qui existent entre les différents humeurs du corps e donc entre le sang et la sexualité dans ses aspects physiques dont il ne viendrait à l’idée de personne de dire qu’elle est le propre du règne végétal. En quelque sorte, désanimée, désanimalisée, mais aussi*

*asexuée, la 'viande' de boucherie ne peut plus être autre chose que la quintessence du végétal.*

Paula era uma espécie de veterinária-militante. Mas eu não sabia em favor do que, já que suas autoafirmações eram sempre controversas. Mesmo assim, para ela, qualquer forma de sofrimento dos animais era objeto de desprezo e motivo para a denúncia. Isso me motivava a questioná-la sobre algumas das dietas propostas aos animais que chegavam à loja, afinal de contas, eram inúmeras as rações, e acima de tudo as “papinhas”, feitas à base de carne.

*“Aí tu tens que ver que na maioria das vezes isso é feito apenas de restos dos cortes, coisas que não se aproveita para a nossa alimentação. [...] No mais das contas, no mundo selvagem é assim, as pessoas às vezes se impressionam com aqueles documentários com leões degolando uma zebra, cheios de sangue, mas é assim mesmo” (Paula, em julho de 2009).*

A ambiguidade da fala de Paula é interessante, pois de um lado ela não põe em questão o consumo que os humanos fazemos da carne animal, e dá o tom de que a alimentação de cães e gatos com carne, é legítima pois não permitem que se desperdice nada do animal abatido. Mas ele é abatido - e isso, para muitos defensores dos animais, já é suficiente. Basta digitar no *google imagens* a palavra abatedouro ou matadouro, para ver a tela do computador dividida entre fotos de “carnes prepradas” em linhas de produção, e fotos de animais ensanguentados, em aspectos sofríveis, com mensagens de “basta a violência”. A falta de cemitério na cidade de Rio do Sul era motivadora de discussões na loja - com seus prós e contras - mas um grande frigorífico, os demais abatedouros isolados ou a famosa fábrica de rações da cidade ao lado, eram apenas motivo de estranhamento - não por parte de Paula em relação às suas atividades, mas pelo fato de eu questionar tudo isso. “Aquilo ali”, disse-me ela, “não tem nada a ver com os animais”.

A relação entre os animais, seus donos ou os veterinários fluía sobre um conjunto de negociações que procuravam equalizar os limites e os excessos de humanidade e animalidade - já os animais de estimação são muito “animais” para dignidades funerárias, e ao mesmo tempo, muito

**A agência de um projeto, o paraíso vegetariano e outros inconvenientes com a humanidade dos animais de estimação na Antropologia**

“humanos” para serem incinerados. Além disso, quem quer ter a sua pureza posta a prova ao receber o sangue de um desconhecido?

De qualquer modo, o fato é que a preocupação com os animais parece “estar na moda” e além de ONGs ou associações civis, áreas para além daquelas tradicionalmente ocupadas com eles têm dedicado investimentos na sua discussão - e isso nos inclui, ao ponto de presumir que nossos projetos devam prometer alguma intervenção em seu favor. O Paraíso parece ser mesmo vegetariano - só resta saber se nele entram os animais ou os antropólogos.

## **Bibliografia**

- APICELLA, Camila. 2009. *Transfusão Sanguínea em Cães*. [Monografia]. Graduação em Medicina Veterinária. São Paulo: Centro Universitário das Faculdades Metropolitanas Unidas.
- BOURDIEU, Pierre. 2005. *A Economia das Trocas Simbólicas*. São Paulo: Perspectiva.
- CALÁVIA SÁEZ, Oscar. 1996. *Fantasmas Falados: mitos e mortos no campo religioso brasileiro*. Campinas: Editora da Unicamp.
- CALLON, Michel. 2006. “Quatre Modèles pour Décrire la Dynamique de la Science”. In AKRICH, M.; CALLON, M.; LATOUR, B. (eds.). *Sociologie de la Traduction: textes fondateurs*, pp. 266-276. Paris: Mines Paris.
- CALMON DE OLIVEIRA, Samantha Brasil. 2006. *Sobre Homens e Cães: um estudo antropológico sobre afetividade, consumo e distinção*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: IFCS/UFRJ.
- \_\_\_\_\_. 2008. “Festa Boa Para Cachorro’: relações entre humanos e não-humanos no ambiente urbano”. Trabalho Apresentado na 26ª. Reunião Brasileira de Antropologia, Porto Seguro.
- CLAEYS-MEKDADE, Cécilia; NICOLAS, Laurence. 2009. “Le Moustique Fauteur de Troubles”. *Ethnologie Française*, XXXIX, 1: 109-116.

Revista ANTHROPOLÓGICAS, ano 17, volume 24(1): 2013

HARAWAY, Donna. 2008. *When Species Meet*. Minnessota: University of Minnessota Press.

HÉRITIER-AUGÉ, Françoise. 1987. “Préface”. In VIALLES, Nöelie. *Le Sang et la Chair: les abattoirs des pays de l’Adour*, pp. iii-viii. Paris: Édition de la Maison des Sciences de L’Homme.

HODAK, Caroline. 1999. “Les Animaux dans la Cité: pour une histoire urbaine de la nature”. *Genèses* 37: 156-169.

INGOLD, Tim. 1994. “Humanity and Animality”. In INGOLD, Tim (ed.). *Companion Encyclopedia of Anthropology*, pp. 13-32. London: Routledge.

KECK, Frédéric. 2009. “Conflits d’Experts: les zoonoses, entre santéanimale et santéhumaine”. *Ethnologie Française*, XXXIX, 1: 79-88.

\_\_\_\_\_. 2010. *Un Monde Grippé*. Paris: Flammarion.

LATOUR, Bruno. 2001. *Le Métier de Chercheur Regard d’un Anthropologue*. (2. ed.) Paris: INRA Editions.

\_\_\_\_\_. 2002. *Reflexão Sobre o Culto Moderno dos Deuses Fe(i)tiches*. Bauro: Edusc.

LÉVI-STRAUSS, Claude. 2009. “A Lição de Sabedoria das Vacas Loucas. *Estudos Avançados*, vol. 23, n. 67: 211-216.

MANCERON, Vanessa; ROUÉ, Marie. 2009. “Introduction: les animaux de la discorde”. *Ethnologie Française*, XXXIX, 1: 5-10.

MANCERON, Vanessa. 2009. “Grippe Aviaire et Disputes Contagieuses: la Dombes dans la tourmente”. *Ethnologie Française*, XXXIX, 1: 57-68.

MAUSS, Marcel; HUBERT, Henri. 2005. *Sobre o Sacrifício*. São Paulo: Cosac & Naify.

MORAES, Marcia. 2004. “A Ciência Como Rede de Atores: ressonâncias filosóficas”. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, vol.11, n. 2: 321-333.

**A agência de um projeto, o paraíso vegetariano e outros inconvenientes com a  
humanidade dos animais de estimação na Antropologia**

- SERRANO, Francisco; ARGEMÍ, Miguel. 2008. "Asociaciones Heterogéneas y Actantes: el giro postsocial de la teoría del actor-red". In SÁNCHEZ-CRIADO, Tomás. (ed.). *Tecnogénesis: la construcción técnica de las ecologías humanas (Vol. 1)*, pp. 44-61. Madrid: AIBR.
- STRATHERN, Marilyn. 2009. *Esperança, Incerteza e a Proposta de Pesquisa: um conto do Reino Unido*. Conferência Realizada no 33. Encontro Anual da ANPOCS, Caxambu.
- VIALLES, Nöelie. 1987. *Le Sang et la Chair: les abattoirs des pays de l'Adour*. Paris: Édition de la Maison des Sciences de L'Homme.
- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. 2002. "O Nativo Relativo". *Mana*, vol.8, n.1: 113-148.

Recebido em janeiro de 2014

Aprovado para publicação em março de 2014